

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica

Área de Concentração: Educação, Diversidade e intersectorialidade

Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de Freitas

**A ESCOLA INTEGRADA E SEU PROCESSO TRANSFORMADOR NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MONITORES E ESTUDANTES DO
AGLOMERADO DA SERRA**

Belo Horizonte

2019

Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de Freitas

**A ESCOLA INTEGRADA E SEU PROCESSO TRANSFORMADOR NA
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MONITORES E ESTUDANTES DO
AGLOMERADO DA SERRA**

Trabalho final de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade

Orientadora: Profa. Kátia Pedroso Silveira

Belo Horizonte

2019

F866 Freitas, Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de, 1981-
TCC A escola integrada e seu processo transformador na construção
identitária de monitores e estudantes do Aglomerado da Serra
[manuscrito] / Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de Freitas. - Belo
Horizonte, 2019.
37 f.: il.

Orientadora: Kátia Pedroso Silveira.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia.

1. Relações étnicas. 2. Relações raciais. 3. Etnicismo. 4.
Discriminação. 5. Problemas sociais. 6. Sociologia educacional. 7.
Ambiente escolar. 8. Educação – Finalidades e objetivos. 9.
Professores e alunos. 10. Ambiente de sala de aula.

I. Silveira, Kátia Pedroso. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 370.19

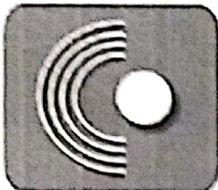
Catálogo na Fonte[®] : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária[†]: Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica[‡].)

*Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO QUARTO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A Escola Integrada e seu processo transformador na construção identitária de Monitores e Estudantes do Aglomerado da Serra”, do(a) aluno(a) **Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de Freitas**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedroso Silveira (orientador) e Paulo Felipe Lopes de Carvalho. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Mariana C. P. de Freitas
Mariana Gonçalves Pereira de Oliveira de Freitas

Registro na UFMG: 2018750822

Kátia Pedroso Silveira
Professor(a) Orientador(a)

Paulo Felipe Lopes de Carvalho
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial à minha filha, por ser a luz da minha vida e por compreender a ausência de sua mãe, nos incontáveis sábados de estudo. Ao meu marido, pelo apoio, incentivo e amor e à minha mãe, por ser meu exemplo e fonte de inspiração.

À minha orientadora, Katia Pedroso Silveira, agradeço pela calma, paciência e pelos ensinamentos e contribuições, sem os quais esse trabalho não seria possível.

Agradeço, especialmente, à equipe da Senador Levindo Coelho, Maria Lorena, Paula Viana e Eduardo Baccharini, por me confiarem a coordenação da Escola Integrada e por sonharem comigo todos os projetos e trabalhos realizados no nosso cotidiano. Aos monitores(as) da Escola Integrada, por serem fonte de inspiração e admiração, deixo aqui o meu abraço fraterno.

Finalmente, agradeço aos colegas do Laseb, por tornarem mais leve e feliz essa jornada tão intensa. E aos grandes mestres da UFMG, pelo conhecimento compartilhado, deixo aqui o meu carinho e a minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho teve como propósito compreender como o desenvolvimento de atividades relacionados às questões étnico-raciais e as mediações realizadas pela coordenação de uma Escola Integrada de Belo Horizonte durante a elaboração, pelos monitores, de projetos com essa temática influenciou/influencia no processo identitário deles próprios e conseqüentemente como isso impactou no desenvolvimento das oficinas com os estudantes. Como forma de análise desse processo, foi realizada uma revisão bibliográfica do histórico das Ações da EI em questão, a partir de 2015. O objetivo principal dessa análise foi a promoção de um diálogo entre esse histórico e as diretrizes pedagógicas e operacionais da EI (Belo Horizonte, 2015), com as leis 10.639/03 e 11.645/08 e com autores como Hall (2002), Prada e Freitas (2010) e Gomes (2005). No sentido de buscar indicativos de respostas para o objetivo central, foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir do desenvolvimento de um conjunto de atividades que favorecessem a reflexão desses monitores sobre o processo vivido ao longo dos anos na EI com as temáticas étnico-raciais. A coleta de dados se deu por meio de duas etapas: aplicação de questionário e realização de dinâmica (contextualização e retrospectiva, perguntas escritas individuais, círculo de socialização). Na escrita e nos relatos, os monitores apontaram por diversas vezes como o trabalho com as questões étnico-raciais proporcionou uma mudança positiva na vida pessoal e profissional de cada um, bem como contribuiu para minimizar conflitos, “violências” e racismos com os estudantes durante as oficinas. O Trabalho apontou a importância de reconhecer o poder de enunciação desses monitores, do seu lugar de fala, de como através do empoderamento, entendido como afirmação da identidade, foi/é importante modificando a vida de todos os que estavam envolvidos nesses processos.

Palavras-chave: Monitores. Étnico-racial. Escola Integrada. Educação

ABSTRACT

The present work aimed at understanding and analyzing what impacts the development of activities related to ethnic and racial issues and the mediation performed by the coordination of a Full Time School located in Belo Horizonte during the elaboration of projects also related to ethnic and racial issues by the instructors that work at this school had on the identity construction of the instructors themselves, and, consequently, on the way they conducted the activities on the workshops they gave to the students of the school. To support the analysis, a review of the bibliography containing the historical description of the activities conducted in the environment of this Full Time School since 2015 was performed. The main objective of this review was to show the aspects that relate the historical description of the activities conducted in the environment of the Full Time School since 2015 and its pedagogical and operational guidelines (Belo Horizonte, 2015) to the provisions of Law 10.639/03 and of Law 11.645/08 as well as to the work of authors such as Hall (2002), Prada e Freitas (2010), and Gomes (2005). Aiming at collecting evidence to support the main objective of the analysis, a qualitative research was conducted. This research was based on a set of activities which fostered the instructors that work at the Full Time School to reflect on the experiences related to ethnic and racial issues they have been through in the environment of the school along the years. Data collection consisted of two stages: on the first one, a questionnaire was applied to the instructors, and, on the second one, the instructors were involved in a set of activities (contextualization and retrospective, individual written questions, socialization circle). On their written and oral reports, the instructors mentioned several times the positive changes that dealing with ethnic and racial issues in the environment of the school has brought to both their personal and professional lives as well as the contributions it made to reducing conflicts, "violence", and racism against the students during the workshops. The results of the present work demonstrated the importance of recognizing the power of enunciation of these instructors, which is permeated by the idiosyncrasies provided by their social experiences, as well as the positive impacts identity empowerment has on the lives of all the individuals involved in the processes which were under analysis.

Keywords: Instructors. Ethnic and Racial Issues. Full Time School. Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Oficina de Capoeira – 2015.....	25
Figura 2	Oficina Identidade e Fotografia – 2015.....	25
Figura 3	Livro: Versos em Imagem – 2015.....	26
Figura 4	Musical “Gritaram-me Negra” - SESC Palladium - 2016	26
Figura 5	Releitura Fotográfica da Poesia “Gritaram-me Negra” – 2016	27
Figura 6	Exposição das fotografias no Museu das Minas e dos Metais- 2017.....	27
Figura 7	Projeto de Fotografia Cada um é único: ser diferente é bom demais! – 2018	28
Figura 8	“Círculos Restaurativos” a partir do trabalho com a música “Cota não é Esmola” – 2018	28
Figura 9	Projeto de literatura: príncipes e princesas negros(as) - 2019.....	29
Figura 10	Registro dos Monitores	30

SUMÁRIO

1. BREVE HISTÓRICO DA MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....	8
2. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA MUNICIPAL SENADOR LEVINDO COELHO E A ESCOLA INTEGRADA	10
3. A ESCOLA INTEGRADA NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE.....	11
3.1 Criação e Concepção do Programa no Município de Belo Horizonte ..	11
3.2 Organização dos tempos e espaços	12
3.3 O papel dos monitores e do professor coordenador na EI	13
4. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MONITORES E ESTUDANTES DA EI MEDIADA POR QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS	14
5. PROPOSTA ÉTNICO-RACIAL, FORMAÇÃO CONTINUADA E AÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA INTEGRADA	18
6. ETAPAS DAS ATIVIDADES PROPOSTAS.....	22
7. PROCESSO DE COLETA DE DADOS	23
7.1 Aplicação do questionário com perfil dos monitores	23
7.2 DINÂMICA.....	25
7.2.1 Contextualização e retrospectiva	25
7.2.2 Perguntas escritas individuais	29
7.2.3 Círculo de socialização.....	30
8. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	30
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
10. REFERÊNCIAS.....	36

1. BREVE HISTÓRICO DA MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Minha formação profissional começou bem antes de cursar a faculdade de Pedagogia. Aos 17 anos, já era professora particular de ensino fundamental e médio de todos os conteúdos, exceto língua estrangeira. Paralelamente, passei na Faculdade de Direito e assim fui conciliando as aulas particulares com a faculdade. Porém, no 5º período de Direito, a vocação para dar aula falou mais alto e resolvi abandonar o curso de Direito e me transferir para o de Pedagogia.

No curso de Pedagogia me encontrei. No meu primeiro ano de faculdade, consegui uma vaga de bolsista no Projeto de Pesquisa e Extensão: Alfabetização Digital (Uni-BH) no qual permaneci entre os anos de 2004 a 2008. Em 2005, tornei-me também participante efetiva do Projeto Voluntário “Pedagogia Itinerante”, ministrando oficinas de capacitação de professores da Rede Pública Municipal e Estadual do Vale do Jequitinhonha.

Durante a faculdade, além de bolsista de pesquisa na parte da tarde, era professora no período da manhã em uma escola particular como professora do Integral, depois na rede Estadual, com estudantes da escola integrada num projeto de leitura e produção de texto. Em seguida trabalhei nos últimos anos da faculdade em duas grandes escolas particulares como professora do Ensino fundamental.

Em 2008, no ano em que me formei, comecei a trabalhar em uma grande escola particular no seguimento da Educação Infantil. Em 2010, assumi na parte da manhã nessa mesma escola o PREDEC (Projeto de Intervenção Pedagógica) na área de Língua Portuguesa, com estudantes do 2º ciclo, os quais ficavam na escola em tempo integral. Na parte da tarde do mesmo ano, comecei a trabalhar como Pedagoga na Rede Municipal de Contagem.

Em 2012, tomei posse na prefeitura Municipal de Belo Horizonte, na Escola Municipal Senador Levindo Coelho, fato que coincidiu com o nascimento da minha primeira filha. Então, optei por trabalhar apenas meio horário e sair da Escola Particular e da Rede Municipal de Contagem.

No ano de 2013, recebi o convite da escola para trabalhar no Projeto de Intervenção Pedagógica de Língua Portuguesa (PIP) do 2º ciclo, no contraturno, em regime de extensão de jornada. Na parte da manhã, assumi como Professora Regente de uma turma de 6º ano. Com o PIP aprendi como a elevação da autoestima das crianças é fator preponderante para a evolução do trabalho, já que o perfil é o de crianças com baixa autoestima. No ano de 2013, o PIP foi um presente para mim. Com uma parceria com a Escola Integrada (EI), superamos as dificuldades de frequência, recuperamos a autoestima de muitos estudantes e o resultado foi a produção de um livro pelos alunos, com direito a coquetel de lançamento.

No ano de 2014, esse projeto foi ampliado com a integração com o PIP de Matemática e o lançamento do Caderno de Informática produzidos com a parceria do monitor de informática da Escola Integrada. O trabalho foi gratificante e os “frutos” visíveis. Os estudantes melhoraram nas avaliações, mas principalmente cresceram como pessoas e se sentiram capazes de vencer obstáculos.

No ano de 2015, a rede Municipal acabou com o PIP, no formato que ele vinha sendo realizado e, nesse mesmo ano, entrava uma nova gestão na minha Escola que me fez o convite para coordenar a Escola Integrada. Desde então, venho assumindo o maravilhoso, mas intenso desafio de coordenar a Escola Integrada da Senador Levindo Coelho.

No triênio 2015 - 2017, a aposta na formação continuada em serviço, focando as relações étnico-raciais, possibilitou o fortalecimento da abordagem da temática na Escola Municipal Senador Levindo Coelho. Essa formação de docentes e monitores da EI foi garantida pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED). Desde 2015, também faço parte do Grupo de Estudos de Relações Étnico-raciais da Prefeitura de Belo Horizonte, onde muitas ações e projetos são desenvolvidos com essa temática. Nesse sentido, tomei a decisão de concorrer à pós-graduação do LASEB na área de Educação, Diversidade e Intersetorialidade, pois nesse momento considerei ser o curso de suma importância para minha formação pessoal e profissional e para que eu me aprimorasse no trabalho com as questões étnico-raciais de maneira mais consciente e responsável.

2. CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA MUNICIPAL SENADOR LEVINDO COELHO E A ESCOLA INTEGRADA

A Escola Municipal Senador Levindo Coelho (EMSLC) está situada à Rua Caraça 910, Bairro Serra. A Escola fica dentro do Parque das Mangabeiras e atende, em sua maioria, aos moradores do Aglomerado da Serra, uma das maiores comunidades de Minas Gerais, localizada em Belo Horizonte, mais precisamente na Zona Sul da capital, e se constitui como Escola Referência por atender a alunos do 1º, 2º e 3º ciclos (estudantes de 6 a 14 anos do Ensino Fundamental I e II) além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Escola Integrada (EI) no contra turno. A instituição busca fomentar a participação das famílias na vida escolar das crianças, adolescentes e jovens e mantém uma gestão dialógica e democrática, com abertura à participação de todos os segmentos.

Nesse contexto, a Escola Integrada (EI) se constitui em um programa de muita relevância para a Comunidade e conta no ano de 2019 com 330 estudantes, 13 monitores, 1 bolsista e 1 professora coordenadora. Os estudantes são atendidos no contra turno, sendo 220 no turno da manhã (1º e 2º ciclos) e 110 no turno da Tarde (2º e 3º ciclos). O espaço da escola não comporta esse número de estudantes concomitantemente, por isso a maioria das atividades da EI acontece em espaços parceiros: Parque das Mangabeiras e Centro Cultural Vila Marçola. Dos 13 monitores, 12 são moradores do aglomerado da Serra, uma vez que, de acordo com as diretrizes político-pedagógicas e operacionais da Educação Integral de Belo Horizonte (2015), é prioritário que os monitores sejam moradores das comunidades nas quais as escolas estão inseridas.

Nesse sentido, a Coordenadora da EI, juntamente com a Equipe Gestora (direção e vice-direção), desde 2015, organiza o trabalho de planejamento junto aos monitores pautada nas questões étnico-raciais, levando em conta que a maioria dos estudantes e monitores são negros(as) pertencentes à comunidade da Serra. Assim, a escola Integrada da Levindo Coelho já se tornou referência nas questões étnico-raciais. São oferecidas às crianças e adolescentes na EI oportunidades de aprendizagem por meio de oficinas de dança, capoeira, esporte, fotografia, informática, brinquedos e brincadeiras, artes, literatura, teatro, meio ambiente e horta.

Além disso, desde 2015, a aposta na formação continuada em serviço, focando as relações étnico-raciais, possibilitou o fortalecimento da abordagem da temática na Escola Municipal Senador Levindo Coelho. Essa formação de docentes e monitores da Escola Integrada (EI) foi garantida pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) e possibilitou maior visibilidade das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tratam da implantação do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, o que é muito relevante para a Comunidade Escolar, já que a mesma está situada no Aglomerado da Serra e é composta de maioria negra.

3. A ESCOLA INTEGRADA NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

3.1. Criação e Concepção do Programa no Município de Belo Horizonte

De acordo com as Diretrizes Político Pedagógicas e Operacionais da Educação Integral, o Programa Escola Integrada (PEI) foi criado em 2007 pela Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Educação, sob a coordenação da Gerência de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania.

“O programa Escola Integrada, criado desde 2007, dialoga com conhecimentos, equipamentos e serviços disponíveis na comunidade. Por integrar diversos setores da sociedade, na interlocução cotidiana com estudantes, possibilita a introdução de diferentes linguagens e formatos metodológicos no processo de escolarização. Pressupõe, ainda, a articulação de ações intersetoriais de diferentes esferas governamentais, com a incorporação das práticas culturais e sociais existentes em Belo Horizonte, uma Cidade Educadora, que compõe a Associação Internacional das Cidades Educadoras. (BELO HORIZONTE, 2015, p. 1).

Além disso, o PEI, criado como Projeto Piloto em 2007 e implantado nas 173 Escolas municipais de ensino Fundamental em 2015, é um programa que prioriza o atendimento “aos estudantes de comunidades que se encontram em territórios considerados de maior vulnerabilidade social, na perspectiva de desenvolvimento de competências múltiplas e vivências capazes de proporcionar uma aprendizagem significativa” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 20). Para tanto, a oferta do Programa se dá pela adesão das famílias de acordo com número de vagas disponibilizadas em cada instituição de ensino e todo o atendimento é realizado no contraturno da escola.

3.2. Organização dos tempos e espaços

Segundo as Diretrizes Político Pedagógicas e Operacionais da Educação Integral (2015) o PEI não só ampliou o tempo, mas também os espaços de aprendizagem, numa perspectiva de apropriação de outros espaços educativos. “A própria noção de cidade foi alargada e, gradativamente, os princípios que regem as ‘Cidades Educadoras’ foram sendo incorporados à política do PEI” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 21), principalmente com a implantação de ações que exploram a urbe por meio de estabelecimento de novos pactos políticos e sociais.

Nessa perspectiva o PEI do Município de Belo Horizonte amplia a jornada escolar proporcionando uma organização no contraturno em forma de oficinas. Essas oficinas são realizadas nos espaços da escola e outros espaços do bairro. Além disso, o programa possibilita aulas passeio e mobilidade como estratégias para oportunizar aprendizagens diversificadas e vivenciadas em diferentes espaços da cidade. Essas aulas passeio são experienciadas em equipamentos públicos e privados, por meio de termos de cooperação e parcerias. Assim, essas ações:

“oportunizam aprendizagens nas áreas pedagógica, cultural, esportiva, artística, de lazer e formação cidadã, ofertando atividades nos diferentes lugares e espaços para além dos muros da escola, além das viagens pedagógicas dentro e fora de Belo Horizonte. Para efetivar tais ações, o Programa articula investimentos oriundos de três esferas governamentais, dos órgãos da Prefeitura de Belo Horizonte, das escolas municipais e de demais instituições, como instituições de Ensino Superior, instituições do Terceiro Setor, clubes recreativos e esportivos, empresas privadas, museus e igrejas, dentre outras.” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 24).

As práticas desenvolvidas no PEI exigem adequação de espaços e tempos para sua qualificação. Dessa maneira, as oficinas são realizadas nos espaços das escolas e/ou em outros espaços escolhidos por elas, conforme o planejamento e as demandas apresentadas, por meio de contratos de locação, convênios ou cessão.

As atividades do Programa são executadas por monitores, bolsistas vinculados às instituições de Ensino Superior, pelos atores sociais pertencentes à comunidade escolar e pelo Professor Coordenador, integrante do quadro funcional da escola. As atividades ofertadas nas oficinas de acordo com as Diretrizes da EI compõem os

seguintes macrocampos: “Acompanhamento Pedagógico; Meio Ambiente, Esporte e Lazer; Direitos Humanos; Cultura e Arte, Cultura Digital, Prevenção e Promoção à Saúde; Comunicação e Uso de Mídias, Iniciação à Investigação das Ciências da Natureza e Educação Econômica” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 25).

3.3 O papel dos monitores e do professor coordenador na EI

Como já vimos, o PEI conta com a atuação de diversos atores cujas inserções possuem características diferenciadas. Para o presente trabalho, destacarei em especial o papel do coordenador e principalmente a importância dos monitores na Escola Integrada. Nesse sentido, seguem algumas especificações das funções de acordo com as Diretrizes Político Pedagógicas e Operacionais da Educação Integral (2015).

O Coordenador da EI é um professor efetivo do quadro de pessoal da escola que, em conjunto com a Direção Escolar, é responsável pela gestão do PEI, considerando as ações, pessoas e espaços.

“O Professor Coordenador é peça fundamental para a articulação do Programa com a Proposta Político-Pedagógica da Escola, uma vez que participa dos processos pedagógicos junto aos demais professores da instituição. Ademais, esse profissional tem possibilidade de articular as ações do PEI ao Currículo Escolar, com vistas à construção de uma matriz curricular integrada.” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 37).

Segundo as Diretrizes da EI (2015) destaquei as seguintes atribuições dos Coordenadores do PEI: coordenar as ações desenvolvidas no PEI, provocando o diálogo sobre Educação Integral; orientar e incentivar a participação dos monitores e bolsistas nas formações; conhecer a cultura local e estabelecer interlocução com a comunidade e suas lideranças, buscando e fortalecendo parcerias; participar das ações das coordenações pedagógicas da Escola, comprometendo-se com a Proposta Político Pedagógica da Instituição, bem como com as diretrizes estabelecidas pela SMED.

Outro importante sujeito que compõe o quadro do PEI são os monitores. De acordo com as Diretrizes da EI (2015) os monitores são aqueles que realizam o trabalho nas

oficinas com os estudantes em agrupamentos de 25 alunos. Também são comumente chamados de “oficineiros”:

“Sua atuação é decisiva no Programa escola Integrada, devido ao contato direto que estabelecem com crianças e adolescentes participantes. As oficinas por eles oferecidas, enquadram-se nas esferas dos Macrocampos do Programa Mais Educação. Os monitores passam por um processo seletivo simplificado, com apresentação de currículo e a realização de uma entrevista, junto ao Professor Coordenador do PEI e a Direção da Escola. É prioridade que os monitores sejam provenientes das comunidades nas quais as escolas estão inseridas.” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 38)

De acordo com as Diretrizes da EI (2015), destaquei as seguintes atribuições dos monitores: orientar e estimular os estudantes a participar das oficinas desenvolvidas, conforme planejamento pedagógico; planejar, coletivamente, as ações do PEI, considerando as especificidades da escola e seu público e os princípios da educação Integral; registrar e executar as atividades, conforme planejamento e de acordo com o perfil da comunidade escolar; elaborar relatório de execução de atividades; participar dos processos formativos propostos pelo núcleo pedagógico.

Ao pensarmos nesses monitores e em suas atribuições e que para ministrarem as oficinas necessitam como pré-requisito apenas do Ensino Médio completo e da habilidade na área pretendida, o papel do coordenador no incentivo às formações continuadas e na orientação pedagógica desses sujeitos é muito importante. Nesse sentido, tanto os monitores quanto os coordenadores necessitam de momentos de estudo e formação em serviço, prevista na distribuição da carga horária de trabalho (BELO HORIZONTE, 2015), uma vez que, de acordo com as Diretrizes da EI (2015), “o planejamento da formação dos atores envolvidos na ação educativa do PEI exige a participação de diferentes protagonistas, com vistas a contemplar a pluralidade e a diversidade das práticas culturais desenvolvidas”. (BELO HORIZONTE, 2015 p. 30)

4. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MONITORES E ESTUDANTES DA EI MEDIADA POR QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

No intuito de estabelecer um plano de ação que visasse romper com a lógica das desigualdades e naturalizações racistas no âmbito escolar, reconhecendo ainda os

monitores como atores no processo de ensino aprendizagem e que a maioria é da comunidade, inclusive, quase todos ex-alunos da escola, tornou-se necessário compreender como a orientação pedagógica da coordenação da EI, ao propor o trabalho com as questões étnico-raciais durante as oficinas, impactou e fortaleceu a identidade racial dos monitores e estudantes e como isso contribuiu para minimizar conflitos, “violências” e racismos. De acordo com as diretrizes pedagógicas e operacionais da Educação Integral, “é importante que os sujeitos que atuam no PEI colaborem para a construção positiva da identidade étnico-racial dos estudantes, contribuindo para o sucesso escolar de todos” (BELO HORIZONTE, 2015)

Fez-se necessária, então, a realização de um plano de ação que possibilitasse a compreensão do processo de fortalecimento da identidade dos estudantes e dos monitores a partir de uma proposta intersetorial, ou seja, uma proposta que promovesse uma maior articulação entre as diversas políticas públicas envolvidas, com o objetivo de garantir a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Para tanto, no ano de 2018, avançamos nas discussões, dialogando com a Proposta da Secretaria Municipal de Educação, a qual para o ano de 2018/2019 propôs a temática com foco na diversidade e na inclusão e ofereceu e tem oferecido formações para coordenadores, monitores e professores nessa temática. Além disso, os grupos de estudos das Relações Étnico-raciais da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) continuaram fortalecidos, fomentando várias discussões acerca do tema. Nesse sentido, de acordo com Custódio e Silva (2015) essas propostas se configuraram/configuram como políticas públicas intersetoriais que se consolidam como componente importante para os profissionais envolvidos, bem como para o sucesso de qualquer política pública.

“Tal análise se mostra importante, inclusive não só para a garantia dos direitos fundamentais, mas especialmente na melhoria dos indicadores de desenvolvimento humano com vistas a atingir o desenvolvimento local, integral e sustentável.” (CUSTODIO e SILVA, 2015, p.4).

Para compreender quem eram os sujeitos dessa diversidade, o papel da escola nesse contexto e a ideia de identidade cultural na pós-modernidade, aprofundamo-nos no estudo das questões identitárias a partir das ideias de Hall (2002) que discorre sobre

a celebração móvel da Identidade, sobre o sujeito pós-moderno que não possui identidade fixa e assume identidades diferentes em diferentes momentos. De acordo com Hall (2002 p.9 apud MERCER, 1990 p. 43) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Nesse sentido, podemos pensar em todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, que seriam, nessa perspectiva, sujeitos heterogêneos e que a todo instante se modificam, inclusive devido a todos os processos de interação com o outro, bem como por suas vivências coletivas e aqui incluímos a escola. Assim, compreendemos que a Identidade é sempre tensionada pelas diferenças e que o trabalho com as questões étnico- raciais permitiu então o fortalecimento da identidade racial dos nossos estudantes e monitores.

Varela (1992), em seu texto “Maquinaria Escolar”, trata das frustrações das promessas da escola no século XX que durante muito tempo se propôs a disciplinar e civilizar os estudantes.

“A invenção da carteira em frente ao banco supõe uma distância física e simbólica entre alunos e o grupo, e, portanto, uma vitória sobre a indisciplina. Este artefato destinado ao isolamento, imobilidade corporal, rigidez e máxima individualização permitirá a emergência de técnicas complementares destinadas a multiplicar a submissão do aluno... À colonização exercida pela escola de alguns meninos aprisionados na carteira junta-se então uma autêntica camisa de força psicopedagógica, que inaugura uma neocolonização sem precedentes, a qual apenas começou.” (VARELA 1992, p.91)

Nessa perspectiva, até hoje a escola mantém esses padrões e ainda homogeneiza os sujeitos, que como vimos são diversos. Cada vez mais, reproduzimos essas “violências” e ainda contribuimos assim com as desigualdades e naturalizações racistas que se perpetuam no âmbito escolar. Dessa maneira, uma proposta de ação de uma educação integral que trabalha na perspectiva de oficinas com múltiplas aprendizagens em artes, esporte, capoeira, fotografia, literatura se fez necessária para quebrar esses paradigmas de uma educação que não mais atende a esses sujeitos ativos e que a todo instante se modificam.

Pensando também no impacto do racismo na construção da identidade dos estudantes e dos monitores, e que essa construção é influenciada pelas relações que

estabelecemos com o mundo e com aqueles que nos cercam, e pelo fato de a escola ser um espaço genuíno dessas relações, pudemos pensar como a proposição do trabalho com projetos com a temática étnico-racial pode contribuir para a construção/fortalecimento da identidade racial dos estudantes e monitores da EMSLC de forma crítica e positivada, modificando inclusive as práticas nas oficinas ofertadas na Escola.

Dessa maneira, o intuito do plano de ação foi compreender como o desenvolvimento de temas relacionados às questões étnico-raciais e as mediações realizadas pela coordenação da EI durante a elaboração pelos monitores de projetos com essa temática influenciou/influencia no processo identitário deles próprios e conseqüentemente como isso impactou no desenvolvimento das oficinas com os estudantes.

Para tanto, as atividades propostas tiveram os seguintes objetivos: discutir como o processo de fortalecimento da identidade dos monitores e dos estudantes, a partir de uma proposta que trabalhe as questões étnico-raciais, influencia diretamente no trabalho, nas apresentações e discussões nas oficinas; reconhecer como a aposta na formação continuada em serviço, focando as relações étnico-raciais, possibilitou o fortalecimento da abordagem desta temática na escola municipal Senador Levindo Coelho, impactando na atuação dos monitores junto aos estudantes; mensurar de forma qualitativa, por meio de instrumentos como dinâmicas em grupos, questionários e análises de falas, o impacto que a temática étnico-racial tem causado nos processos de construção identitária dos monitores e conseqüentemente dos estudantes.

Estamos também vivenciando momentos de preocupação com as políticas afirmativas e precisamos nos fortalecer em relação a essa temática. Um plano de ação que permita o conhecimento das questões raciais, preconceitos, “violências” e que estimule a construção/fortalecimento da identidade racial de forma crítica e positivada por meio da música, da arte, da fotografia, entre outros, se faz urgente e necessário, principalmente com monitores e estudantes pertencentes a um aglomerado de maioria negra.

5. PROPOSTA ÉTNICO-RACIAL, FORMAÇÃO CONTINUADA E AÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA INTEGRADA

De acordo com Prada e Freitas (2010), a Formação Continuada pode ser entendida “como uma ferramenta que auxilia os educadores no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, na busca de novos conhecimentos teórico-metodológicos para o desenvolvimento profissional e a transformação de suas práticas pedagógicas”. Nesse sentido, desde 2015, a aposta na formação continuada em serviço, focando as relações étnico-raciais, possibilitou o fortalecimento da abordagem da temática na Escola Municipal Senador Levindo Coelho. Essa formação de docentes e monitores da Escola Integrada (EI) foi garantida pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) em parceria com a Gerência das Relações Étnico-raciais da PBH, possibilitando um trabalho intersetorial de maior visibilidade das leis 10.639/03 e 11.645/08, o que foi muito relevante para a nossa comunidade escolar de maioria negra. Compreendemos, nesse sentido, a intersetorialidade como “uma articulação de saberes e experiências na elaboração, aplicação e avaliação de ações, objetivando atingir resultados integrados em situações ditas complexas” (CUSTODIO et SILVA, 2015, p.8).

A intersetorialidade é a articulação entre as políticas públicas por meio do desenvolvimento de ações conjuntas destinadas à proteção social, inclusão e enfrentamento das expressões da questão social. Supõe a implementação de ações integradas que visam à superação da fragmentação da atenção às necessidades sociais da população. Para tanto, envolve a articulação de diferentes setores sociais em torno de objetivos comuns, e deve ser o princípio norteador da construção das redes municipais. (CAVALCANTI, BATISTA, SILVA, 2013, p. 1-2)

Paralelamente, na prática, vários questionamentos e reflexões começaram a fazer parte do dia a dia de todos os atores envolvidos na Escola Integrada EMSLC. Processos de fortalecimento da identidade, sentimento de pertencimento e luta contra o racismo e o preconceito começaram a perpassar todas as oficinas em especial as oficinas de Capoeira, Dança, Fotografia e Artes. No ano de 2015, a partir da demanda dos próprios estudantes, foi proposto pela coordenadora da E.I. um trabalho com a Poesia Gritaram-me Negra, da autora Vitoria Santa Cruz¹, o que rendeu à instituição a possibilidade de estreitar uma positiva relação entre educação e cultura.

¹ Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra (1922 -2014) foi uma poeta, coreógrafa, folclorista e estilista peruana..

Além disso, foram desenvolvidos pela escola um Musical e uma Releitura Fotográfica da Poesia. As rodas de conversas e os ensaios para o musical e fotografias, resumiram-se em momentos de encontro e socialização da proposta pedagógica antirracista no espaço da Escola Integrada e Escola Regular.

A produção cultural rendeu apresentações artísticas na escola, teatro, parque e museu locais. As seções de fotos produzidas pelas próprias estudantes e sob orientação do monitor de fotografia permitiu a cada estudante envolvido um protagonismo na medida certa. A cada ensaio, as jovens, crianças e adolescentes da escola municipal Senador Levindo Coelho (EMSLC) demonstravam que a história da poesia dialogava com suas histórias pessoais. Durante todo o processo, foram realizadas rodas de conversa acerca de questões como o preconceito, a cor, o cabelo, a cultura de “violência”, a identidade do povo brasileiro. A proposta e os frutos gerados foram extremamente relevantes uma vez que evidenciaram o protagonismo dos monitores e estudantes pertencentes à comunidade da Serra, situada em Belo Horizonte e majoritariamente negra, criando um clima de empoderamento nos estudantes e monitores em relação a questões ligadas à identidade do povo brasileiro, numa perspectiva antirracista. Essa pauta, desde então, se tornou fixa na Escola Integrada, com necessidade de continuidade para os anos de 2018/2019.

No ano de 2018, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) acolheu temáticas com foco na Diversidade e na Inclusão tendo como eixo norteador práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Integrada (EI). Neste mesmo ano, foi garantida a continuidade de processos formativos com coordenadores, professores e monitores que também foram potencializados pela Gerência das Relações Étnico-raciais e pelo Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais da Regional. Tais estratégias dialogaram com a proposta da SMED e deram continuidade ao processo de fortalecimento da identidade dos estudantes a partir de uma proposta intersetorial e embasaram ainda mais o processo de implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 de forma comprometida e responsável na Escola Integrada Senador Levindo Coelho.

Partimos, então, para a prática, no início do segundo semestre de 2018, quando a coordenação da E.I da EMSLC propôs a leitura e discussão da música “*Cota não é*

Esmola” (2011) da cantora e multi-instrumentista, Bia Ferreira². Na intenção de garantir um lugar de fala aos estudantes e aos monitores a coordenação da EI adotou estratégia metodológica das Práticas Restaurativas, advindas da justiça restaurativa, na escola. Entenda-se a Justiça Restaurativa como:

“um globo baseado em valores, que testifica a qualidade da vítima, a reparação do dano, mais a perspectiva do ofensor que destrincha suas incumbências que para determinado fim foi promovido, de forma mais clara, a Justiça Restaurativa trata vítima e ofensor/agressor, não incumbindo punição e nem favorecimento, levando-os a solucionar a lide existente, atuante somente com a anuência dos envolvidos partindo do princípio da voluntariedade, princípio esse que para JR e suas Práticas é fundamental e indispensável. Quando possível reconstruindo relações rompidas ou construindo relações.” (IZAR e ANDRADE, 2016, p.2)

Dessa maneira, a partir de práticas restaurativas como as rodas de conversa garantiu-se um espaço dialógico de resolução não violenta de conflitos, focando temáticas como preconceito, cultura e violência. Segundo Rosenberg (2006) para praticar uma comunicação mais respeitosa, não precisamos nos desprender da nossa personalidade.

A partir da música “Cota não é esmola” apresentada pela coordenadora da EI durante as práticas restaurativas foi proposto que a mediadora da oficina de Língua Portuguesa, que atende às 5 turmas do turno da tarde realizasse discussões a respeito das políticas afirmativas, dados estatísticos em relação à violência, racismo e preconceito em relação à população negra. Ao monitor de percussão/coral foi proposto o desafio de ensaiar a música com duas estudantes da Escola Integrada, as quais nesse processo se mostraram muito talentosas. O monitor de fotografia, a partir da música e de todas as discussões acerca do racismo, baixa estima e preconceito projetou a realização de um ensaio fotográfico, utilizando os espaços da escola, bem como roupas, cores e elementos que representassem de alguma forma a valorização dos estudantes, monitores, professores, coordenadores, auxiliar de biblioteca e demais profissionais com o intuito de fortalecimento identitário da comunidade escolar. Finalmente, a Coordenadora da EI se propôs a escrever versos para acompanhar as fotografias e, em seguida, foi feita a exposição das fotos e um livro com as produções.

² Bia Ferreira (interior de Minas Gerais) é uma multi-instrumentista, cantora de jazz, blues e soul brasileira.

Todos os processos foram realizados de forma dialógica com a participação de todos os envolvidos no planejamento das ações.

Uma das atribuições da coordenação da Escola Integrada é “conhecer a cultura local e estabelecer interlocução com a comunidade e suas lideranças” (BELO HORIZONTE, 2015) e nesse sentido, nada mais interessante que os monitores realizassem essas ações a partir de suas próprias habilidades específicas. Dentro do planejamento, cada um possuía autonomia de pensar, elaborar e colocar em prática as ações que desenvolveriam nas oficinas, com suporte pedagógico da Coordenação.

Em 2018, durante os relatos nos círculos restaurativos, histórias comoventes e muito sofridas vieram à tona e sensibilizaram todos/as os/as envolvidos/as. Tanto os monitores, quanto os alunos que vivenciaram esses processos na Escola Integrada desde 2015 trouxeram à tona muitas questões relacionadas a como se sentiam antes e como estão hoje, após esses anos trabalhando esses processos identitários.

Para o ano de 2019, a Coordenação, dando continuidade a esse processo, propôs a temática Feminismo e Femicídio. O monitor de acompanhamento pedagógico e a coordenadora da EI assumiram um projeto específico para os estudantes de 2º e 3º ciclos intitulado: Feminismo e Femicídio por meio do Cordel “Maria da Penha” de Tião Simpatia ³ o qual começou em fevereiro/2019 e terá duração de um ano, com culminância na mostra da escola Integrada em novembro, mostra essa que já faz parte do calendário da EMSLC. Paralelamente, os monitores estão trabalhando a temática por meio de cordel, teatro, filmes e literatura.

Nesse sentido, depois de tantas vivências, tornaram-se necessárias uma reflexão e uma possível mensuração qualitativa, como forma de analisar o impacto produzido a partir do uso de temáticas étnico- raciais nos processos de construção identitária dos monitores da EI.

³ **Sebastião Félix de Oliveira Jucá, CE, O Poeta Popular Tião Simpatia** foi alfabetizado aos 15 anos de idade por meio da Literatura de Cordel na Zona Rural de Granja-Ceará. Concluiu seus estudos em Camocim, mudando-se para Fortaleza em 2006, onde reside atualmente. Autor de vários cordéis dentre eles o mais conhecido “A Lei Maria da Penha em Cordel”, traduzido para o inglês, espanhol, braile, e apresentado para 60 mil alunos da Rede Municipal de Ensino de Teresina, entre os anos de 2014 a 2017.

6. ETAPAS DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Como forma de analisar o impacto produzido, a partir da temática étnico- racial nos processos de construção identitária dos monitores da EI e consequente impacto nas oficinas ministradas por eles, foi importante fazer uma revisão bibliográfica do histórico das Ações da Escola Integrada da EMSLC, a partir de 2015.

O objetivo principal dessa análise foi a promoção de um diálogo desse histórico com as Diretrizes Pedagógicas e Operacionais da Educação Integral (Belo Horizonte, 2015), com as leis 10.639/03 e 11.645/08 e com autores como Hall (2002), Prada e Freitas (2010) e Gomes (2005).

Feito isso, foi aplicado um pequeno questionário para contextualizar os sujeitos - nesse caso os monitores da EI - e em seguida uma dinâmica dividida em partes em uma abordagem mais descritiva e qualitativa.

Assim, a execução deste trabalho se deu por meio do desenvolvimento das seguintes etapas:

1. Elaboração de um plano de ação.
2. Apresentação do plano de ação à direção da escola.
3. Aplicação do questionário sobre o perfil dos monitores.
4. Dinâmica com os monitores dividida em duas partes.
5. Análise dos resultados.
6. Entrega do texto com a análise dos dados pronta e a primeira versão da parte teórica.
9. Elaboração do texto em capítulos.
10. Revisão ortográfica e normas da ABNT.
11. Apresentação dos trabalhos finais e encerramento do curso.

7. PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Procurando compreender de forma mais concreta como o trabalho realizado pela equipe de monitores, impactou a vida e a autoestima de cada um, me propus a desenvolver um conjunto de atividades que favorecessem a reflexão desses monitores sobre o processo vivido ao longo dos anos na EI com as temáticas étnico-raciais.

O trabalho foi realizado em etapas. Cabe ressaltar aqui que, por opção da coordenação, em um primeiro momento, os monitores não foram informados de que estavam fazendo uma atividade para coleta de dados para este trabalho. A atividade foi inserida como mais uma reflexão acerca da prática cotidiana das oficinas da EI. Apenas ao final do processo é que lhes foi revelada a intenção final da atividade. Foi também nesse momento final que os monitores foram consultados sobre a possibilidade de o material por eles produzido ser utilizado para as análises do trabalho e, posteriormente, serem, inclusive, publicados. Todos os monitores concordaram.

7.1 Aplicação do questionário com o perfil dos monitores

O plano de ação teve como foco os monitores da EI da EM Senador Levindo Coelho. Para tanto, foi necessário fazer um levantamento do perfil dos monitores, cujo objetivo principal foi o de estabelecer parâmetros em relação ao território, à raça, ao gênero e à formação acadêmica dos mesmos.

Tais informações foram levantadas por meio de um questionário. Participaram, respondendo ao questionário e realizando a dinâmica, 14 monitores. Segue o modelo de questionário respondido pelos monitores:

Quadro 1 – Questionário para Perfil dos Monitores da EMSLC

QUESTIONÁRIO	
NOME COMPLETO	
DATA DE NASCIMENTO	
SEXO	
RAÇA/COR	
CEP	
LOGRADOURO (RUA, AVENIDA...)	
NÚMERO	
COMPLEMENTO	
BAIRRO	
CIDADE	
ESTADO	
ESCOLARIDADE	
SITUAÇÃO DE ESCOLARIDADE	
PERÍODO/ANO	
CURSO/INSTITUIÇÃO	

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar o questionário dos 14 monitores, 8 se autodeclararam Pretos, 4 pardos e dois brancos. A maioria dos monitores possui idade entre 18 e 25 anos. Apenas dois deles têm 32 anos. De acordo com o questionário, 13 são moradores do Aglomerado da Serra e apenas 1 monitora é moradora do bairro Sagrada Família. Dos 14 monitores, 3 possuem curso superior, 8 estão com curso superior em andamento e 3 possuem Ensino Médio Completo.

7.2 DINÂMICA

Foi realizada uma dinâmica com os monitores dividida em 3 partes: contextualização e retrospectiva, perguntas escritas individuais, círculo de socialização. O objetivo ao desenvolver essa dinâmica foi promover uma reflexão acerca do trabalho realizado, a partir de 2015, com as questões étnico-raciais, bem como suas possíveis implicações na vida pessoal e profissional dos monitores e consequente impacto dessas questões nas suas oficinas com os estudantes.

7.2.1 Contextualização e Retrospectiva

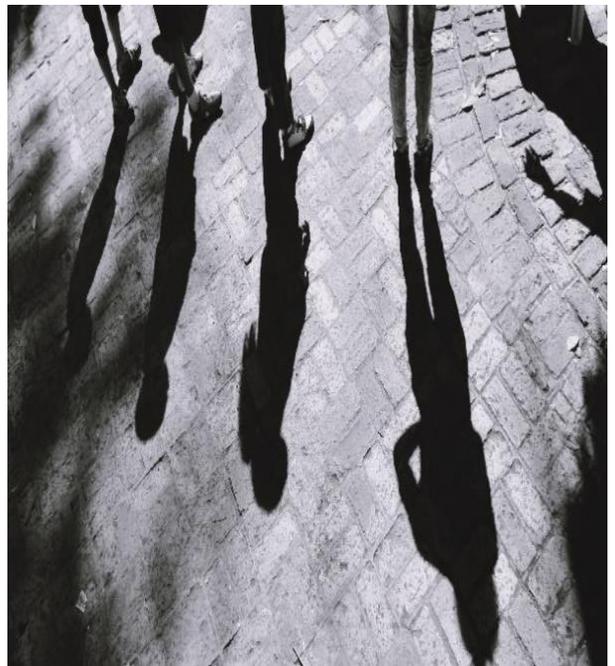
Primeiro foi feita uma contextualização e retrospectiva dos processos vivenciados na Escola Integrada desde 2015. Imagens, fotos e atividades que refletem o conjunto de ações desenvolvidas nesse período foram projetadas em slides como pode ser exemplificado nas figuras a seguir:

Figura 1: Oficina de Capoeira – 2015



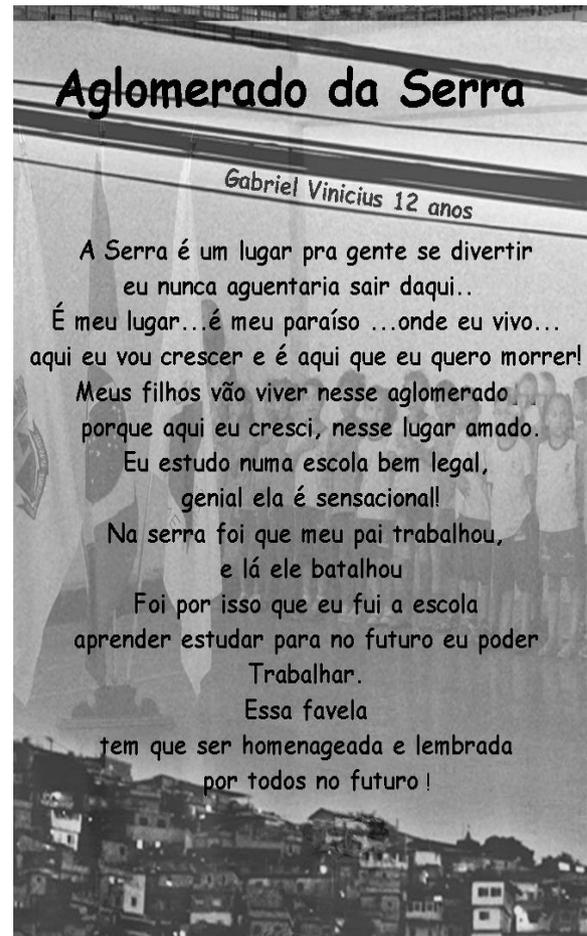
Fonte: acervo da EI- EMSLC

Figura 2: Oficina Identidade e Fotografia -2015



Fonte: acervo da EI-EMSLC

Figura 3- Livro: Versos em Imagem - 2015



Fonte: Acervo da E.I -EMSLC

Figura 4: Musical "Gritaram-me Negra" - SESC Palladium – 2016



Fonte: fotografia Rafael Freire- Acervo da E.I -EMSLC

Figura 5 – Releitura Fotográfica da Poesia “Gritaram-me Negra” - 2016



Fonte: fotografia Rafael Freire- Acervo da E.I -EMSLC

Figura 6: Exposição das Fotografias no Museu das Minas e dos Metais-2017

Ministério da Cultura e Gedau apresentam:

RELEITURA FOTOGRÁFICA
Gritaram-me negra
14/11 a 03/12

Convite
Lançamento: 14/11 - 19h

Uma releitura fotográfica da poesia de Victoria Santa Cruz

"Gritaram-me Negra" é uma releitura fotográfica da poesia homônima da poeta, coreógrafa, folclorista e estilista peruana Victoria Santa Cruz, realizada pelos alunos das Escolas Municipal Senador Levingo Coelho, sob coordenação do monitor de fotografia da Escola Integrada, Rafael Freire.

A exposição é resultado do trabalho feito pela escola desde 2015, que envolveu oficinas e rodas de conversa com a temática étnico-racial. Entre os objetivos estavam elevar a autoestima dos estudantes e propiciar a construção, a valorização e o fortalecimento da identidade racial e cultural.

Assim, foi proposto pelas coordenadoras do Programa Escola Integrada das escolas Senador Levingo Coelho e Professor

Edson Pisani um trabalho com a poesia. A partir do vídeo de poesia e da discussão sobre seu conteúdo, foi elaborado um musical pelos monitores das duas escolas: Josiele Teixeira Silva, Kátia Vieira Pimenta, Ronaldo Batista Junior e Robson do Amaral. Paralelamente, o monitor de fotografia, Rafael Freire, realizou com os estudantes da oficina de fotografia da Escola Municipal Senador Levingo Coelho uma releitura fotográfica da mesma poesia. Todas as fotos foram tiradas pelos estudantes da oficina de fotografia da escola, e as modelos foram estudantes das oficinas de dança e capoeira das escolas Professor Edson Pisani e Senador Levingo Coelho. A proposta contribuiu significativamente para a construção da identidade individual e coletiva dos estudantes.

FICHA TÉCNICA

Coordenador do projeto:
Rafael Freire

Alunos participantes:
Marta Andréia Moreira de Oliveira
Marina de Silva Rocha
Maitê Lucio Moraes de Oliveira
Leyra Vitória Souza Silva
Pâmela Siqueira
Semenilda Nayara Silva Freitas
Suelly Alessandra Alves de Sousa
Valquíria Vitória Alves de Souza
Vivian Dora Oliveira Coelho
Lara Letícia de Oliveira Neto
Ana Luiza Gomes Faria dos Santos

Amanda Lopes Januário
Janira Kátia Pereira da Silva
Lyza Teixeira Lima Borges
Yasmin Vieira Deslandes
Dionila Míndia Meireles Neves Santos
Kátia Vieira dos Santos
Keremey Oliveira Alves
Jacyrany Oliveira Rodrigues
Emily Batista dos Santos
Kathleen Sobrinho

Coordenadora do Projeto Escola Integrada da Escola Municipal Senador Levingo Coelho: Mariana Gonçalves

no 41
MMA Gedau - Museu das Minas e do Metal
Direção Liberdade - Rua Fradinho Rosa
Funcionário - Belo Horizonte
(31) 2019-7200
coreaco@gedau.org.br | www.mmgau.org.br

Fonte: Acervo da E.I -EMSLC

Figura 7: Projeto de Fotografia Cada Um é Único: Ser Diferente é Bom Demais! - 2018



Fonte: fotografia Rafael Freire- Acervo da E.I -EMSLC

Figura 8 - "Círculos Restaurativos" a partir do trabalho com a música "Cota não é Esmola" - 2018



Fonte: Acervo da E.I -EMSLC

Figura 9 - Projeto de literatura: Príncipes e Princesas Negros(as) - 2019



Fonte: Acervo da E.I -EMSLC

Nesse momento muitos monitores se emocionaram. Dentre os 14 monitores participantes, ao menos 10 participam do grupo desde 2015. Estes ficaram visivelmente comovidos ao relembrar tudo o que realizaram ao longo desses anos.

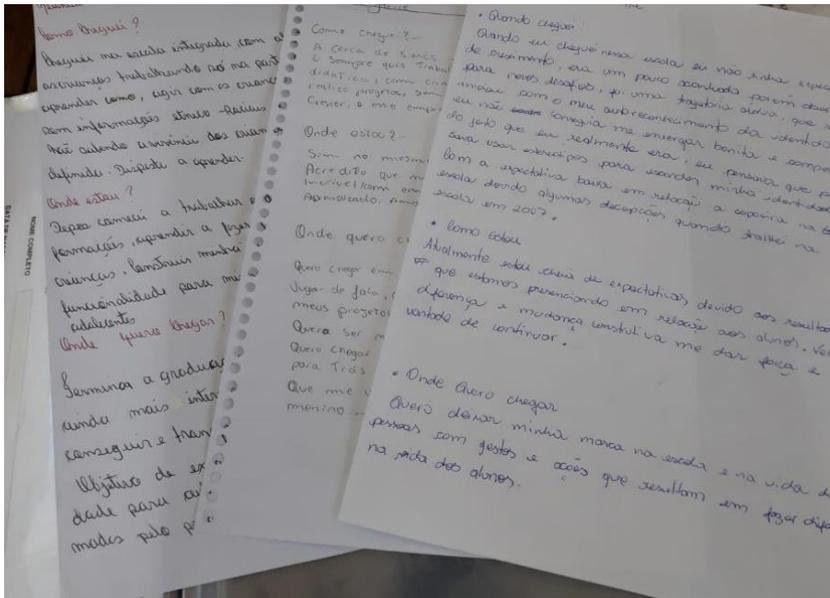
7.2.2 Perguntas escritas individuais

Depois da contextualização foi pedido que cada um, separadamente, respondesse em um papel próprio às seguintes perguntas: Como cheguei à Escola Integrada? Como estou hoje? Aonde pretendo chegar?

Os monitores foram orientados a refletir tanto em relação à dimensão pessoal, quanto à dimensão da relação estabelecida entre eles e os estudantes na oficina trabalhada. Foram dados cerca de 40 minutos para que eles respondessem.

O intuito com as perguntas individuais foi o de promover uma reflexão pessoal, sem interferências do coletivo, nesse primeiro momento. Segue figura abaixo para ilustrar os registros:

Figura 10- Registros dos monitores



Fonte: dados da pesquisa

7.2.3 Círculo de socialização

Na sequência, todos os monitores foram convidados a se posicionar em círculos e cada um falou sobre o que escreveu. Os objetivos, desse momento, foram os de promover uma reflexão coletiva da trajetória de cada um dos monitores, dos trabalhos realizados por eles e o de socializar a escrita, as opiniões e os questionamentos com o grupo.

Ao final da atividade, apresentamos o Plano de Ação deste trabalho e nossa intenção de recolher as folhas com os textos/respostas produzidos por eles com o intuito de utilizarmos esse material para análise. Sugerimos, ainda, que ao final do ano, esse material fosse retomado para que cada um pudesse reler as respostas elaboradas e refletir sobre elas.

8 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Desde 2015, muitas atividades, projetos e planejamentos foram realizados na Escola Integrada da EMSLC. Para o presente trabalho, por opção, foi pensada uma proposta que possibilitasse compreender a Escola Integrada sob a ótica dos monitores, os

quais são essenciais para o sucesso do programa e, em conjunto com a coordenação, podem ser agentes transformadores na vida dos estudantes.

De acordo com as diretrizes político-pedagógicas da Educação Integral da PMBH (Belo Horizonte, 2015) os monitores são aqueles que realizam o trabalho nas oficinas com os estudantes em agrupamentos de 25 alunos e “sua atuação é decisiva no Programa Escola Integrada, devido ao contato direto que estabelecem com as crianças e adolescentes participantes” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 38). Nesse sentido, a valorização e o direcionamento do trabalho desses sujeitos é algo crucial para o sucesso da Escola Integrada.

O questionário nos permitiu compreender melhor quem são os monitores e um pouco sobre suas identidades por meio da autodeclaração raça/cor. Essas informações aliadas à análise da escrita e das falas de cada monitor nos trazem algumas percepções e questionamentos sobre esses sujeitos, além de todas as suas expectativas e trajetórias e como isso pode, de fato, interferir na oficina ministrada e na própria relação de cada um com os estudantes.

Na pergunta **“Como eu cheguei à Escola Integrada?”** muitos, tanto na escrita, como nas falas no círculo, chamaram a atenção sobre como chegaram com medo, com baixas expectativas em relação à oficina e baixa autoestima. Aqui podem-se destacar algumas falas e escritas: “Não tinha expectativa de crescimento, era acanhada, mas aberta para desafios” e completando a fala: “não me reconhecia enquanto negra e me escondia atrás de um cabelo alisado e não me achava bonita”. Outro monitor escreveu e falou: “Eu sempre quis deixar meu cabelo grande e black e foi o primeiro trabalho que me deixou”. Minha expectativa era apenas conseguir olhar as crianças, cuidar delas” (disse uma monitora). Dois monitores novatos na EI também demonstraram certa insegurança: “cheguei com muita vontade, mas com medo de lidar com as crianças”. “Tinha receio de não agradar ou de não conseguir desenvolver a oficina.”

Na pergunta **“Como eu estou hoje?”** pudemos observar muitas escritas interessantes e falas muito emocionadas. Uma observação importante sobre o envolvimento dos monitores no círculo de socialização da escrita é que muitos deles choraram e ficaram muito emocionados em seus depoimentos. Por vezes pararam as falas para serem abraçados por outros monitores e pela própria Coordenação.

Destaque para algumas falas. A monitora que anteriormente dissera que não se reconhecia como negra tanto na escrita, quanto na fala, escreveu e deu continuidade ao seu depoimento: “Atualmente, estou cheia de expectativas devido aos resultados que estamos presenciando em relação aos alunos”(escrita) e na fala complementou: “trabalhar com a temática étnico-racial participando das formações, escutando depoimentos e adquirindo conhecimento, mudou a minha vida. No trabalho em 2015 com a identidade e o cabelo me descobri e me reconheci. Eu me escondia e não me reconhecia, foi uma trajetória árdua, porém muito libertadora. Poder levar isso para minha vida, para os estudantes e poder agregar tudo isso ao trabalho com a capoeira me dá força e vontade de continuar.” Outra escrita e fala de um monitor que está há mais tempo, “Acredito que mudei muito e tive uma evolução incrível tanto pessoal, quanto profissional e me sinto um negro empoderado.” e completou na fala: “fazer a releitura fotográfica da poesia ‘Gritaram-me Negra’ foi muito importante, pois presenciei o quanto poderia fazer pelas estudantes da minha turma, a maioria negra, no sentido de trabalhar a identidade, estima. Hoje elas passaram a adorar o cabelo crespo e se reconhecem enquanto negras. Depois continuei com outros projetos fotográficos sempre no intuito de valorizar a beleza negra, a diversidade e aumentar a estima dos(as) estudantes.” Em contraponto a esses depoimentos e escritas destaca-se a escrita e a fala de dois monitores novatos na Integrada: “Estou aprendendo e percebendo como é importante aliar minha oficina com as temáticas afros.” O outro monitor também ressaltou o mesmo na sua escrita. Na fala completam: “Trabalhar o calendário afro e a literatura de contos de príncipes e princesas negras tem sido surpreendente e muito legal” e outro monitor ainda ressalta: esse projeto da literatura tem sido maravilhoso e é muito bom ver as crianças se reconhecendo, quebrando estereótipos” Os dois ainda agradeceram à monitora que está há mais tempo por ter realizado esse projeto com eles e de como aprenderam com isso. Alguns monitores também relataram muitos episódios de racismo e de como é importante trabalhar essas questões nas oficinas.

Nesse sentido, podemos pensar nas questões identitárias desses monitores que, em um primeiro momento, demonstraram estar em crise e o quanto essa identidade não é fixa e estável. Segundo Hall (2002) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (HALL, 2002, p.9 apud

MERCER,1990, P.43). É perceptível, tanto na fala quanto na escrita, que ao participarem das formações, ao levarem essas questões para a prática nas oficinas, muitos monitores se deslocaram e entraram no campo das incertezas. Nesse processo questionaram a própria identidade e muitas vezes não se reconheceram enquanto negros(as). Também na fala dos monitores novatos pudemos perceber a importância dos mais antigos ao proporem fazer em conjunto o projeto de literatura afro. É importante também ressaltar a nobreza dos mais experientes em compartilhar seu conhecimento e vivências étnico-raciais com esses novatos. Assim, ainda segundo Gomes (2005, p.42) citando o cientista Jacques d'Adesky (2001, p.76) nenhuma identidade é construída no isolamento “ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto.” E ainda resalta que todo processo identitário passa por essas relações dialógicas com os outros, incluindo a construção da identidade negra. Assim, de acordo com Gomes (2005):

“Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância dessa diversidade cultural?” (GOMES, 2005 p.43).

Pensando na importância desses diálogos, dessas vivências e formações uma outra monitora escreveu que, participando das formações, conseguiu se reconhecer e ter orgulho de ser negra e a partir das formações e discussões nos planejamentos conseguiu levar isso para a sua oficina de dança e para a vida das adolescentes que participavam da dança. Podemos, então, discorrer aqui sobre a importância dos planejamentos coletivos, das formações na escola e as ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação e da intersetorialidade, nesse caso, com a gerência das relações étnico-raciais. Dessa maneira, de acordo com as Diretrizes político-pedagógicas e operacionais da educação integral “o programa contribui para o fortalecimento de ações conjuntas e coletivas e pode ser potencializador das articulações intersetoriais” (BELO HORIZONTE, 2015, p. 25).

Na pergunta “**Aonde pretendo chegar?**” destaco algumas escritas e falas: “Gostaria de terminar a minha graduação para possibilitar uma oficina ainda mais interessante e expandir para outros horizontes, dando a oportunidade para outras pessoas vivenciarem e serem transformadas pela Escola Integrada”. Outra monitora escreveu: “Quero deixar minha marca na Escola e na vida das pessoas com gestos e ações que resultem em fazer a diferença na vida dos alunos” e na fala complementou: “ Quero poder transformar a vida dos estudantes no sentido de eles terem orgulho da sua cor, se respeitarem e respeitarem o outro, contribuir para que não sejam preconceituosos e para que não perpetuem o racismo, para que não sofram tanto quanto eu sofri.” Outro monitor escreveu que gostaria de conquistar o seu lugar de fala, enquanto negro, ser capaz de montar, realizar seus projetos e fazer suas próprias correções e que para isso pretendia continuar os estudos e fazer uma graduação.” Essa última pergunta, podemos associar ao questionário, quando esse aponta a faixa etária, a escolaridade e a raça e temos indícios de um possível amadurecimento desses jovens monitores e de como mudaram suas perspectivas. Por vezes, de forma sutil, por outras, de forma mais direta, pudemos perceber o impacto do trabalho, das discussões e das formações da temática étnico-racial nos processos de construção identitária dos monitores e conseqüentemente nas oficinas ministradas por eles.

Nesse sentido, Gomes (2005) afirma que a identidade negra é uma construção plural, além de social e histórica. Isso “implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p.43).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plano de ação buscava compreender como o processo de desenvolvimento de oficinas a partir de temas relacionados às questões étnico-raciais e as mediações realizadas pela coordenação da EI durante a elaboração pelos monitores de projetos com essa temática influenciou/influencia no processo identitário deles próprios e conseqüentemente como isso impactou no desenvolvimento das oficinas com os estudantes

Dessa maneira, no Plano de Ação, dialogando com as práticas da EI desde 2015, discorri acerca de alguns conceitos como Intersetorialidade e Identidade. Em relação

à Identidade para o Plano de Ação, tratei desse conceito na perspectiva de Hall (2002) e Gomes (2005), e sobre a intersetorialidade discorri sobre a importância da formação de docentes e monitores da Escola Integrada garantida pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) em parceria com a Gerência das Relações Étnico-raciais da PBH, possibilitando um trabalho intersetorial de maior visibilidade das leis 10.639/03 e 11.645/08, fato que foi confirmado e muito ressaltado pelos monitores durante a dinâmica, tanto na parte escrita quanto na fala deles no círculo de conversa.

A discussão com os monitores sobre suas respostas foi um momento permeado de relatos e falas muito marcantes e por vezes emocionantes. A partir das falas e escritas, principalmente das monitoras, mulheres, negras, periféricas, pude elencar algumas questões que apenas a identidade e a intersetorialidade não foram capazes de abranger, uma vez que tratam exatamente desses “cruzamentos” de múltiplas formas de discriminação que se sobrepõem (gênero/raça) e que não podem ser dissociados, nem tratados de forma isolada, pois, nesse sentido, só podem ser compreendidos no viés da interseccionalidade, aqui entendida na perspectiva de Kimberle Crenshaw como a intersecção das desigualdades de raça e de gênero. (CRENSHAW, 2004). O que poderia ser tema de um novo trabalho.

Também cabe uma reflexão em relação ao meu papel de Coordenadora que ocupa um lugar de representação (branca/classe média/privilegiada) e não da representatividade à qual pertencem esses monitores, jovens negros(as) da periferia com seus corpos e discursos. Torna-se relevante reconhecer com isso o poder de enunciação desses monitores, do seu lugar de fala, de como através do empoderamento, entendido como afirmação da identidade, foi/é importante e modificou a vida de todos os que estavam envolvidos nesses processos. Inclusive na escrita e nos relatos, os monitores apontaram por diversas vezes como o trabalho com as questões étnico-raciais proporcionou uma mudança positiva na vida pessoal e profissional deles.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Educação Integral: Diretrizes Político Pedagógicas e Operacionais**, Belo Horizonte, 2015

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 jan. 2003. *In: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC, 2005

BRASIL. **Lei nº 11.645** de 10 de março de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas afrobrasileira e indígena. Brasília: DOU, 11 de março de 2008.

CRENSHAW, Kimberle W. (2004). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. *In: VV.AA. CRUZAMENTO: RAÇA E GÊNERO*. Brasília: Unifem.

CAVALCANTI, Patrícia Barreto; BATISTA; Kátia Gerlânia Soares; SILVA, Leandro Roque. A estratégia da intersetorialidade como mecanismo de articulação nas ações de saúde e assistência social no município de Cajazeiras-PB. **Anais do seminário internacional sobre políticas públicas, intersetorialidade e famílias**. Porto Alegre, PUC/RS, v. 1, 2013. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/l/9.pdf>. Acesso em 21/04/2019

CUSTÓDIO, André Viana; SILVA, C. R. C.A intersetorialidade nas políticas sociais públicas. *In: Seminário nacional demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea*, 2015, Santa Cruz do Sul. XI Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. v. 1. p. 1-17.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão, *In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*, Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7 – 46.

IZAR, Linda Bela e ANDRADE, Camila Goes. Círculos restaurativos em função de resolução de conflitos entre crianças e adolescentes nas escolas. *In: Seminário nacional demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea, 2016, santa Cruz do Sul. XII seminário nacional de demandas sociais e políticas*

públicas na sociedade contemporânea. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2016. v. 1. p. 1-15.

PRADA, Luis Eduardo Alvarado, FREITAS, Thaís Campos e FREITAS Cinara Aline. **Formação continuada de professores:** alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. Revista Diálogo Nacional, v. 10, n. 30, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. (2006). **Comunicação Não-Violenta:** Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Editora Ágora, 1ª edição.

VARELA, Júlio e ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar.** Teoria e Educação, Porto Alegre, n.6, 1992 p. 68-96.